

## CORPO DOURADO DE PANTERA

Duílio Gomes

Sabe, baby, eu ontem tive um sonho com você. Verdade. Imagina se eu ia mentir. Coisa mais sem graça. Agora não conto. Ah, baby, então eu conto. Não, pelo telefone fica chato. Podem ouvir. Te escrevo uma carta, pronto. Tá te cuidando? Não vá me trair. É. Eu? Jamais. Nunquinha. Olha, baby, estou com saudades. Sei, eu também. Eu também, baby. Tive um orgasmo de tigresa ontem. Claro, no sonho. Com você. No Skylab. Pronto, já estou contando. Um beijo. Te espero no aeroporto. Ciao, baby, um beijo, um milhão de beijos. Desligou, ficou algum tempo olhando pela janela e depois sentou-se diante da penteadeira. Passou **blush**, rímel, retocou o batom, tirou o esmalte das unhas, uma a uma, pintou tudo de novo com uma cor mais clara. Ajeitou os cabelos, olhou-se de perfil e só então, com um suspiro, levantou-se. Jogou o casaco de pele no ombro e saiu. A noite estava um pouco fria. Dentro do carro, rodando a quarenta, não era tão desagradável assim. Afinal, tinha um casaco de pele envolvendo o seu corpo dourado de pantera. Um casaco que ele havia comprado em Nova Iorque. Ele era o rei dos presentes. Adivinhava seus pensamentos. Baby, não precisava, um diamante deste tamanho! deve ter custado uma fortuna. Custara, claro. Mas ele não era milionário? Bilionário, trilionário, o que sabia ela, havia herdado toda a fortuna dos pais. Filho único, educado em Londres, conhecia o mundo inteiro, falava montes de línguas, um lord, um sir, ninguém dizia que era brasileiro. Só faltava o sotaque. Te amo, baby, não precisava, assim você me deixa mimada. Um casaco de vison, cem mil ações da Vale, um carro-esporte, uma gargantilha Cartier, não, baby, não posso te dar

nada em troca. De você só quero este corpinho lindo que me deixa louco, dizia ele como se estivesse declamando a letra de um bolero, os olhos tarados internacionais, os olhos bilionários, pastando amor, que feitiço você pôs nesse homem, Carla? As amigas querendo saber o segredo, macumbinha? despacho? café na calcinha? Imagina, usar esses artifícios com homem de tamanha classe. Mulherada grossa. Charme, queridas, veneno pra derreter estátua eqüestre espanhola. Solamente. Na verdade foram dez novenas e um cerco de três meses no bar que ele frequentava. É claro que seus olhos cor de Vênus crescente misteriosa tinham ajudado bastante a mineração. E na primeira noite em que foram para a cama, aquele gemidinho rouco salivado também cooperou para cimentar nele a sementinha da paixão. Paixão. Paixãozona tresloucada. Repentina, caudalosa e fervente como uma galáxia explodindo. E nunca, nunquinha mais ele olhou ou transou com outra mulher. Trazia baby acorrentado na gamação, coisa mais louca esse negócio de amor, devia estar se masturbando agora no quarto do hotel enquanto olhava o retrato dela. Costumava fazer isso quando ficava mais de uma semana fora. Lhe confessara. Ela disse espantada, deliciada, baby, isso vai te estragar a saúde, só pense em mim e pronto, se quiser pode ter um orgasmosinho quando se deitar pensando em mim, mas se masturbar, que coisa, baby. Teve vontade de rir mas ele estava com uma cara tão séria, tão lord nobre da Velha Albion e lhe havia trazido um **poodle** tão podre de chic e **pedigrees** e de repente lhe beijava os seios com tanta fome que ela engoliu o riso, imagina, baby. Estacionou o carro na esquina do scotch-bar. Acendeu um cigarro, a noite clara de estrelas, o vento soprando seus cabelos louros, romance, poesia. Estava afim. E ele também, quando se levantou da mesa onde bebia sozinho e veio até o carro. Nada de especial. Quis arrancar mas ele segurou de leve o seu pulso, aceita um drinque, meu bem? Mediu-o de alto a baixo, avaliando-o. A gravata não combinava com o paletó e a voz era de canastrão. Mas talvez valesse a pena, não custava tentar. Entre, ordenou. Meu apartamento é aqui perto, falou ele sem olhar para ela. E acrescentou rápido, não quer mesmo um drinque? Aceito no seu apartamento, ela respondeu, também sem olhar para ele. O apartamento-aqui-perto era no centro, um trans-

torno. Trescalava a mofo. Uísque nacional. Reproduções na parede, ela, que tinha dois Van Gogh e um Matisse só no quarto. Não bebeu o uísque, claro. Ele emborcou duas doses sem respirar. Afrouxou o nó da gravata, esboçou um sorriso, sabia o que era um presa delicada. Coisa que não se pega todos os dias, gracinha, tinha que ir com jeito. Muito jeitinho. Um beijo, dois beijos, excitá-la na ponta da língua atrás da orelha, tomar cuidado com o casaco de pele, relaxa meu bem, tira o casaco, desculpa a sala desarrumada. Deitá-la no sofá, deitar-se em cima sem forçar, pelos cotovelos, depois ir se envolvendo como um polvo experiente, ela geme de olhos cerrados, ele tira a roupa. Ela fala, ainda de olhos cerrados, apaga a luz. Se despe no escuro, torna a deitar-se no sofá. De bruços. Ele vem no escuro, tateando sombras, rastreando o seu perfume francês, está perto, está quente, está em cima. A mão esquerda dele segura um de seus seios, alisa, aperta. A mão direita desce morna pelo ventre. Apalpa. Torna a apalpar. De repente ela sente a ausência do peso sobre si. As vezes isso acontece. Nem todos gostam, afinal. Só baby me entende, me ama, ela pensa humilhada enquanto torna a se vestir. Ele abre a porta para ela, desculpa, não transo com bichas. Eu entendo, ela fala. Mas na verdade não entenderia nunca, os olhos molhados de lágrimas, de lágrimas sujas de **blush**, liga o FM do carro, baby baby, eu ontem tive um sonho com você, verdade, imagina se eu ia mentir.